

Sumário

Prefácio	XVII
Apresentação	XIX
Introdução	1
1 Teoria feminista e a construção do gênero como categoria de análise criminal	9
1.1 Teoria Feminista	10
1.2 Sexo e gênero, distinções e desconstruções dos limites conceituais... 18	
1.3 Gênero e criminalidade nos estudos estadunidenses: a repercussão da criminologia feminista nos estudos sobre o SJC.....	21
1.4 O surgimento da mulher nos registros criminais e nos estudos brasileiros: da vitimização à ausência de agência	27
2 Labeling Approach e Criminologia Feminista: um diálogo revitalizado para a explicação do SJC brasileiro	37
2.1 O Interacionismo simbólico (IS) como Antecedente teórico do Labeling	38
2.2 Labeling Approach: um ponto de partida a ser revitalizado.....	45
2.3 Labeling e o enfoque de gênero proposto pela Criminologia Feminista: possibilidades e limites de um diálogo	49
3 O funcionamento do SJC brasileiro e a Lei 11.343/06	53
3.1 Os estudos sobre funcionamento do SJC no Brasil.....	54
3.1.1 Estudos sobre fluxo do SJC no Brasil.....	54
3.1.2 Estudos de caráter interpretativo sobre o SJC	59
3.2 O funcionamento do SJC para o tráfico de drogas e os impactos da política de guerra às drogas no Brasil.....	63
3.3 As etapas do processamento do crime de tráfico de drogas.....	66
3.4 A mulher no tráfico de drogas: das causas psicológicas à agência.....	69

4 Hipóteses, Metodologia e Procedimentos	71
4.1 Hipótese de pesquisa sobre o funcionamento desigual do SJC por sexo, extraída a partir das teorias	73
4.2 Hipóteses estatísticas e decisão do teste de hipótese	75
4.2.1 A escolha do delito, a sequência de métodos e procedimentos empregados e os dados disponíveis	76
4.3 Fase quantitativa: A construção de (três) modelos de regressão para prever as chances de ser processado, de ser sentenciado e de ser condenado por tráfico de drogas, segundo o sexo do suspeito.....	77
4.3.1 Como foram construídas as variáveis objeto da análise quantitativa	83
4.3.2 Gênero	84
4.3.3 Escolaridade como um indicativo da forma de inserção do indivíduo no mercado de trabalho	85
4.3.4 Cor da pele	87
4.3.5 Idade	88
4.3.6 Tempo	88
4.3.7 Sumário das variáveis explicativas utilizadas e dos eventos de interesse (variáveis explicadas).....	89
4.4 Fase qualitativa	92
4.4.1 Um censo com os operadores e a amostragem entre os agentes da polícia militar.....	95
4.5 O recorte temporal analisado (2009- 2014)	96
4.6 A escolha da localidade	96
4.7 Possíveis vieses e limitações deste estudo	97
4.8 Os contornos de um modelo misto de pesquisa: o preço pago.....	99
5 Apresentação dos dados	101
5.1 Dados oficiais sobre o tráfico de drogas em Montes Claros-MG	101
6 Análises Quantitativas	109
6.1 Resultados dos testes de hipóteses sobre a associação entre sexo e os eventos do fluxo (a partir do Teste do Chi-quadrado)	109
6.2 Os sinais esperados para as chances dos eventos do fluxo processual.....	117

6.3 Testando a existência de desigualdade a partir das chances de ser processado	118
6.4 A chance de ser sentenciado.....	120
6.5 A chance de ser condenado.....	122
7 “Os traficantes” e “as Santas do Lar”: representações dos operadores do SJC.....	125
7.1 Diferentes perspectivas sobre mau funcionamento do SJC: todos os operadores classificam o funcionamento do SJC como ruim, mas por diferentes razões.....	127
7.2 A percepção do funcionamento segundo o sexo do suspeito ou acusado	132
7.3 A percepção dos operadores sobre a Lei 11.343/06	138
7.4 Num sistema frouxamente articulado a causa do mau funcionamento do SJC é sempre atribuída ao funcionamento de outra instituição.....	141
7.5 Quem é o traficante?.....	142
7.6 Os traficante e a Santa do Lar que apenas influenciada pelo “amor bandido” é capaz de acessar o mundo do crime	145
7.7 Representando o SJC a partir de um símbolo ou forma.....	148
8 Discutindo os resultados sobre gênero e funcionamento do SJC a partir do diálogo quantiquantitativo	151
8.1 O peso do sexo nas diferentes fases do processo e visto a partir de diferentes métodos	151
8.2 O crime e o SJC como searas masculinas	155
Considerações Finais.....	157
Referências	163
Anexos.....	179